JAILTON MOREIRA

O Torreão como experiência de educação

RESUMO

O Torreão durante a sua história de treze anos de atividades ininterruptas é principalmente associado às intervenções realizadas por diversos artistas especificamente para sua torre. Simultaneamente a esse período desenvolveu-se uma intensa atividade de ensino de arte sob o enfoque da contemporaneidade onde as questões das relações entre arte e lugar aparecem com recorrência. Frente a isso, criou-se uma série de workshops, chamados de Atelier Aberto, tendo o espaço da paisagem como centro de das especulações e discussões. Para ampliar as abordagens buscaram-se situações radicalmente opostas como desertos, praias e montanhas. Toda essa experiência gerou paralelamente indagações a respeito dos limites, e das possibilidades do ensino de arte.

PALAVRAS-CHAVE

Lugar, atelier aberto, paisagem, Torreão, ensino.

O TORREÃO COMO EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO

Escrever sobre a experiência do Torreão ainda é algo novo. Este espaço de arte, criado por Elida Tessler e por mim, em 1994, tem sido muito citado em seminários pelo país, discutido informalmente, ou exibido em vídeos, mas ainda são raros os momentos que nos detemos para fixar esta vivência em um texto. A frágil desculpa para que isto não tenha sido feito de uma forma mais sistemática e aprofundada nestes doze anos de existência é simplesmente a falta de tempo. Além disso, é sempre difícil para os protagonistas de uma vivência intensa, se afastarem dela e olharem retrospectivamente quando a curiosidade ainda é saber o que vem pela frente.

Quando somos perguntados de sopetão: o que é o Torreão? Depois de uma titubeada, resultado de um cálculo rapidíssimo sobre quem está fazendo a pergunta, o porquê e quanto tempo de resposta esta pessoa está disposta a ouvir, respondo com breves palavras que não explicam muito: o Torreão é um lugar que busca o cruzamento entre produção e pensamento sobre arte contemporânea em Porto Alegre. É uma resposta-pronta que servirá para que o interlocutor realmente mostre, numa segunda pergunta, o tamanho da curiosidade. Se a conversa perdura com outras indagações, exibimos a parte mais visível do Torreão que são as intervenções feitas por diversos artistas para o espaço da torre. Porém, isto não revela que existe um outro Torreão. A experiência de ensino construída nesse espaço, e que na verdade é a responsável direta pela sua criação e manutenção, é um pouco mais difícil de explicar, ficando reservada quase exclusivamente aqueles que participam dela.

Gostaria de relatar aqui, um aspecto dessa experiência educacional, que chamamos de Atelier Aberto. Este é apenas parte de um processo maior em que a educação de arte está focada em orientações individualizadas de proposições artísticas e teóricas, junto com um ambiente onde diversas informações sobre arte circulam continuamente.

Em março de 1999, instituímos que haveria um dia por mês para a leitura de um texto e, a partir deste, seria estabelecida uma discussão. Iniciamos com textos de temas variados (científicos, poesias, contos...) que não tinham uma relação direta com arte. Pela sua diversidade incluíam nos debates as diferentes formações dos alunos que

recorrem ao Torreão: artistas plásticos, psicólogos, arquitetos, historiadores, filósofos, donas de casa, publicitários etc. Nos anos seguintes, buscou-se textos que abordavam problemas da arte contemporânea e cabia também aos alunos a sugestão desses. Conquistamos assim uma rotina que gerou um acréscimo intelectual considerável e perceptível por todos que participaram deste processo. Porém, no início de 2002, percebi que os debates, embora estimulantes, estavam tratando de questões gerais da arte. Carecia uma discussão mais próxima não só do objeto artístico, mas também dos processos que estavam se desenvolvendo simultaneamente ali por cada aluno. Desejava ouvir o aluno perguntar em alto e bom tom, em frente aos seus colegas: em que enrascada eu estou metido? Que esta indagação fosse partilhada no exato momento em que ela ocorresse. Neste ponto nasceu o projeto do Atelier Aberto.

O nome era mais um apelido do que um título, porém acabou pegando, embora fosse homônimo ao espaço dirigido por Samantha Moreira em Campinas desde 2001 e que tem algumas atuações simétricas ao Torreão. A proposta inicial foi lançar um tema que seria trabalhado por meio de quatro workshops durante o ano. O tema proposto foi a paisagem. Não se trataria de uma discussão de gênero, mas dos impasses e respostas surgidas a partir de experiências situacionais do corpo em relação ao espaço aberto. Ressalta-se que já existia uma certa tradição no Torreão nos estudos sobre relações entre arte e lugar. As intervenções feitas regularmente na torre e os encontros com os artistas envolvidos são exemplos além da disponibilidade de três salas da casa para dinâmicas das orientações, onde o aluno pode trabalhar diretamente no espaço, fazendo deste o objeto e o suporte para seus ensaios. Buscar o espaço externo, sem limites definidos, parecia ser o passo seguinte. Retirar o aluno do habitat para sob novas condições modificar o olhar e, acima de tudo, responder às surpresas.

Os quatro Atelier Aberto executados em 2002, espaçados por mais ou menos dois meses, foram:

Atelier Aberto I: Desenho de observação - a invenção da paisagem

Rio Guaíba – Porto Alegre, RS.

Atelier Aberto II: O passeio como estratégia e a paisagem como matéria

Parque Nacional dos Aparados da Serra - São José dos Ausentes, RS.

Atelier Aberto III: Intervenções e a documentação como matéria

Salar do Uyuni, Bolívia.

Atelier Aberto IV: A paisagem como suporte

São José do Norte, RS.

A primeira proposta foi fazermos um passeio de barco pelo rio Guaíba. Este nos deixaria na ilha da Pólvora para depois de duas horas nos resgatar. Começamos pelo

velho desenho de observação que enquanto estávamos embarcados era feito a partir de um olhar móvel. Fixar um ponto enquanto o olhar se desloca constantemente é um exercício de concentração que hierarquiza o olhar ao detê-lo neste ponto, embora tudo que o circunda esteja em movimento. Numa segunda etapa, desenhar tudo aquilo que estiver passando na frente dos olhos. Ao baixar a cabeça para ver o desenho e em seguida retornar, descobrir o referencial alterado. O pacto que se estabelece é com o diálogo em si, fazendo este mais importante do que seu resultado. Na ilha, comentamos como a idéia de paisagem estava comprometida com a idéia do quadro. O paradoxo de uma visão do espaço como superfície continua em oposição ao recorte que exalta a composição ao ponderar o lugar de cada elemento e sua posição em relação às bordas do papel. A definição do ponto de vista passa a ser tão importante quanto a escolha do motivo ou do recorte. Em um outro momento, foi proposto olhar as margens do rio, onde os arbustos tramam o espaço, obstruindo qualquer perspectiva. Neste caso, a idéia era representar a paisagem como sobreposição de extratos que precisam ser “desfolhados” pelo olhar e recompostos como se empilhasse uma série de camadas. Atentando que o desenho de observação só tem sentido quando existe uma predisposição de aprender (e apreender) com algo externo. Para tanto, se deve confessar primeiramente que não sabe nada, que se precisará olhar para saber. Todos os truques gráficos ficam suspensos por um momento. A paisagem deve ensinar as suas necessidades. Caso contrário, seria um grande estorvo e esforço tele-transportar um imenso espaço de uma paisagem e encaixa-lo no espaço exíguo da representação.

Tudo ocorreu numa ensolarada tarde de sábado. A proximidade do local da atividade e o curto período de envolvimento propiciaram uma participação de 27 alunos. Como, na ocasião, a proposta era exclusivamente desenhar, não se fez qualquer tipo de registro fotográfico ou em vídeo.

No segundo Atelier Aberto, viajamos para São José dos Ausentes, RS, no Parque Nacional dos Aparados da Serra. Ficamos quatro dias exercitando a proposição: *o passeio como estratégia e a paisagem como matéria*. Consistiu em dar longas caminhadas diárias e trabalhar exclusivamente com o material encontrado. Neste caso era necessário se desfazer da idéia da paisagem como imagem para uma percepção mais tátil e multissensória do espaço. Também frisei para que não levassem nesses passeios máquinas fotográficas, ficando a documentação sob meus cuidados por meio da gravação de um vídeo. A fotografia daria a perspectiva de um segundo olhar com a possibilidade de fixação de uma imagem impedindo assim que outras percepções se aguçassem. Pela primeira vez o deslocamento para uma paisagem extrema como os cânions, com a sua monumentalidade, inverteu dramaticamente a relação de um sujeito imperativo com o espaço. O espaço passa a reger toda a ação impondo-se não só pela escala, mas por um

sentido de totalidade, relativizando toda a atitude para aspirações mais modestas. Dito de uma forma mais direta: a arte perde um pouco de sua arrogância. Isto foi sentido por todos alunos e a primeira resposta foi o silêncio. É necessário dizer que precisávamos suspender, provisoriamente, a palavra arte, com todos os seus conceitos e implicações, para que eles pudessem agir sobre a matéria da paisagem sem ambições de resultado, de produto ou sentido. Primeiro se impunha uma demorada escuta, um tatear as superfícies: o caráter físico do espaço com suas texturas e odores em um estado de pré-imagem. Depois o que se ouviu foram pequenos balbucios, ínfimas articulações, arranjos transitórios. Se algumas dessas ações fossem propostas como arte seria um resgate, uma apropriação que caberia mais tarde a cada aluno.

Em setembro do mesmo ano foi a vez de um exercício ainda mais radical que marcou profundamente seus participantes. Sob o tema de pensar a paisagem como local de intervenções e também a sua documentação como matéria de futuros trabalhos, um grupo de dez alunos se deslocou para o salar do Uyuni na Bolívia. A viagem durou 10 dias, quatro deles na área do salar. Esta é uma região de altiplano a 4.000 m de altitude, cercada por montanhas que ultrapassam os 6.000 m. Abriga um imenso deserto de sal e uma série de outros desertos e lagos numa área aproximada de 100 km X 100 km. Três anos antes, já havia visitado o local e o escolhi por encontrar ali as paisagens mais esplêndidas por onde passei. Acima de tudo, imaginava uma conversa (que acabou acontecendo) com o aluno no meio daquela plenitude e fazer uma série de perguntas: e agora? O que se pode fazer? É possível desenhar, fotografar, pintar, fazer um vídeo? Como representar isto que estamos vendo e vivenciando? Isto se representa? É preciso representar? Por mais que se possa entender conceitualmente o que envolve essas questões é justamente esta forma de compreensão que este tipo de experiência coloca em cheque. Alguns alunos e artistas chegaram a essa problemática sobre os limites da representação no desenvolvimento dos seus processos. A questão era como “ensinar” esta idéia. A resposta para esta e outras situações sobre o ensino de arte passa por aceitar uma impossibilidade, e ao mesmo tempo negar o silêncio. Interrogar sobre o que é realmente ensino para em seguida pensar em proposições que possam suscitar outras interrogações no aluno e com o aluno.

A experiência no deserto foi um exemplo de como é possível trabalhar com um grupo em arte. Num determinado momento olhei em volta e avistei a distância cada aluno como pequenos pontos pretos isolados trabalhando no meio do branco. Cada um, inexoravelmente solitário, tentando resolver um problema absolutamente pessoal e de uma maneira pessoal, porém todos envolvidos na mesma discussão, num mesmo processo de indagações.

As ações dos alunos buscavam sublinhar algum elemento da paisagem, exercendo apropriações provisórias e circunstanciais. Em uma paisagem tão plena, ampla e sem

relações precisas, pensou-se o que fazer para tornar algo visível e a implicação desta atitude com a visibilidade desejada. Registros em fotografia e vídeo também ocorreram com o objetivo de serem trabalhados posteriormente quando retornássemos a Porto Alegre.

VI

Quando no final do ano resolvemos ir para São José do Norte passar três dias no último workshop do ano, o clima já era de um grupo articulado que desejava continuar exercitando uma liberdade adquirida. Eram então dezessete pessoas sintonizadas com uma proposição. Alguns haviam participado das experiências anteriores, para outros era a primeira vez. O fato é que estas vivências já haviam sido refletidas e compartilhadas por todos. Agora a proposta seria esquecer provisoriamente o cubo branco do espaço expositivo e pensar a paisagem determinada como lugar de acolhimento de um projeto. A paisagem do litoral gaúcho seria o lugar preciso e receptivo para evidenciar um objeto ou uma ação. Diferente da experiência da Bolívia, o objeto ou a ação seria o elemento principal e a paisagem o melhor suporte possível para eles, uma espécie de pano de fundo ativo, mas secundário. Muitos já conheciam o local, os demais, por conhecerem parte do nosso litoral, tinham uma dimensão muito precisa do que lhes aguardava. Para ingressar na viagem o aluno deveria ter de antemão os seus objetos ou as suas ações executados ou discutidos, para ao chegarem na praia, instalarem no local e fazerem os ajustes necessários. O ônibus foi com o bagageiro repleto de todo o tipo de traquinagens e ao chegarmos num ponto isolado do litoral cada um foi retirando seus projetos e adaptando às condições locais. Muitos levaram em conta o forte vento que assola toda aquela região, outros levaram projetos para a colocação no mar agitado e alguns para areia da praia. Na documentação em vídeo recolhi antecipadamente os depoimentos dos projetos e confrontei com as suas realizações.

VII

No ano de 2003 tentamos alguns exercícios sob o tema da cidade e da malha urbana. O Atelier Aberto V ocorreu dentro do Torreão com uma série de exercícios sobre mapas da cidade, com interferências e criações de novos mapas e algumas discussões sobre cartografias. Era importante lembrar que Atelier Aberto não poderia virar sinônimo de viagem. Recolocar o desejo inicial de mobilizar um pensamento a partir de problemas de produção e o compartilhamento das indagações poderia ser feito também em um espaço fechado. Dois meses depois, fizemos uma caminhada pela cidade que se iniciou no Torreão e ninguém (exceto eu) sabia para onde estavam sendo conduzidos. A tarefa deste Atelier VI implicaria em pensar um projeto para algum lugar ou situação que ocorresse durante o trajeto de aproximadamente uma hora e meia. Cada um escolhendo um lugar ou um momento deste passeio. O outro projeto deveria ser para o local final da caminhada, uma pequena praça situada atrás do muro da Mauá.

Um local escondido e esquecido depois da construção do muro, que apontava para uma Porto Alegre do passado. Todos projetariam para o mesmo lugar. Combinou-se que ao final de três semanas todos entregariam os dois projetos. Passado o tempo, apenas 50% dos participantes fizeram o tema de casa. Percebi que estávamos nos desviando da proposta inicial. A defasagem de tempo implicava em outra qualidade de pensamento e reação, que, embora interessante, acredito que já estávamos exercitando dentro da dinâmica do Torreão nas orientações individuais. Resolvi suspender o tema da cidade para evitar os projetos e desenvolver novamente as provocações de perguntas e respostas imediatas. Não digo que seria impossível prosseguir e conseguir alguns resultados, mas o fato é que retomamos as relações com o espaço da paisagem, pois estávamos no centro de uma experiência que ainda gerava demandas.

Em pleno inverno deste ano nos retiramos para passar uma semana na praia da Ferrugem em Santa Catarina trabalhando novamente sobre o tema da paisagem. “A paisagem revisitada” foi o título do Atelier Aberto VII que reuniu 15 alunos. A primeira proposta era retornar aos exercícios dos quatro primeiros ateliers. Seria a chance de dar continuidade a alguns processos já esboçados, ao mesmo tempo em que se ofereceria a quem não participou dos anteriores um primeiro contato prático. Como acréscimo levantamos a questão do *in situ*. Desta vez a paisagem que trabalharíamos já teria um “dono” e uma situação geográfica, histórica e antropológica definidas *a priori*. A vila, com seus moradores, seu cotidiano, sua relação com o mar, enfim, todo o contexto poderia ser

matéria para alguma proposição e, mesmo que não fosse, não poderia ser esquecido. Esta era uma paisagem com uma história e uma memória, algo muito difícil de perceber no deserto, que normalmente tendemos a considerar como uma espécie de grau zero. Ponderou-se, por exemplo, sobre o que significaria quebrar uma série de espelhos deixando os seus cacos espalhados na areia da praia. Ficou mais clara a diferença de uma atuação sobre um território vazio e um território ocupado. As implicações entre estética e ética se evidenciariam. A Ferrugem possibilitava uma variedade de locais de trabalho. Em um quadro foram listados os locais: morro, lagoa, praia, vila e pousada. Toda manhã, cada um colocava onde iria trabalhar aquele dia. Assim, se organizavam grupos e mantinham-se as práticas individuais. Às noites, exibiu-se uma série de vídeos sobre as relações de arte e lugar e as atividades diárias eram comentadas.

Todo o processo de educação só será realmente efetivo se aceitar a reinvenção constante de uma dinâmica, isto é, seu compromisso com a mudança. Foi pensando assim que em novembro de 2004 organizamos o habitual passeio para a Bienal de São Paulo. Desta vez propus aliar esta viagem a uma outra. Seria uma viagem de estudo sobre um determinado foco, no caso, o barroco mineiro. Ficaríamos apenas dois dias em São Paulo e dedicaríamos uma semana para percorrer as cidades históricas de Minas. Contratamos o artista e professor Mario Azevedo que trabalha em Belo Horizonte para servir de guia e interlocutor durante o passeio. Antes da viagem não chamávamos esta de Atelier Aberto VIII, até mesmo porque ela seria uma experiência de uma semana em uma fazenda no pampa gaúcho que acabou não ocorrendo por não ter o número mínimo de dez participantes. Quando terminamos a peregrinação percebemos que o que havia ocorrido então era, sem dúvida, um Atelier Aberto (Atelier Aberto VIII - Passeio Minas Gerais: o Barroco). Embora os alunos não tenham feito qualquer tipo de exercício prático, ocorreu ali uma produção plástica e, em diversas ocasiões, um pensamento a partir de um embate com esta produção. Momentos de criação intelectual absolutamente imprevistos que não podem ser dissociados da qualidade da situação vivida.

Como se percebe, todo este texto é um relato de experiências, e foi escrito seguindo o fluxo da memória, fazendo desta o roteiro. Em cada um dos episódios descritos, poderia me alongar indefinidamente. Dos oito ateliers executados produzi cinco vídeos que considero como uma forma de escrita sobre a experiência, a minha escrita. Mesmo reconhecendo a importância de fixar isto em um texto, confesso que enquanto escrevia me ocorreu por diversos momentos uma sensação de falsidade. O texto escrito passa a ser uma forma de ilustração, algo menor, uma certa traição com um tipo de pensamento. Ao final desta outra escrita, vou me deixar levar por uma palavra que surgiu nas últimas linhas

do parágrafo anterior e com ela arrematar estas divagações. A palavra é qualidade. Busquei falar sobre o aspecto do Torreão como uma experiência de educação em arte. Quando penso na qualidade das proposições não estou falando no seu sentido de escala de valores. Qualidade é aqui uma condição capaz de distinguir uma experiência da outra. Não seria a educação artística uma busca de qualidades distintas precisas e insubstituíveis? Qualidade como sinônimo de posição. O aluno criando suas *posições* para somente mais adiante pensar em *exposições* (ou não). Entender arte como posição é afirmá-la, primeiramente, como necessidade vital e linguagem pessoal. É dizer claramente que existe uma hierarquia processual entre *posição* e *exposição*. Não é negar o lado da *exposição* e da compreensão da arte enquanto um complexo sistema de inter-relações que ultrapassam o indivíduo e só vão encontrar legitimação no outro - o fato artístico como parte de um complexo sistema de visibilidades. Lembrar que mesmo isto só se inicia quando acionado pela definição de uma posição. Mas isto se ensina? O Atelier Aberto demonstra que sim, se compreendermos o ensinar como propiciar. Podem parecer óbvias estas conclusões, mas afirmo que esta compreensão só é realmente adquirida se ela se transformar em uma ação do professor. Sem esta ação que possibilita a mobilização de determinadas qualidades, o entendimento se esvazia no embate do ensino.

JAILTON MOREIRA é artista plástico, professor e curador. Criador do Torreão (1993), juntamente com Elida Tessler, espaço de formação e produção de arte em Porto Alegre. Como artista participou de diversas exposições individuais e coletivas como a III e V Bienal do Mercosul e o Panorama da Arte Brasileira de 2001, 2003 e 2005 no MAM, SP. Curador do Rumos Visuais do Itaú Cultural (1999/2003). Como professor ministrou cursos de arte contemporânea em várias cidades brasileiras. Vive e trabalha em Porto Alegre.